

O MITO QUE ENVOLVE A CULTURA DIGITAL E AS INFLUÊNCIAS PARA A LEGITIMIDADE DA PRÁTICA DOCENTE

Luciana Santos

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio
lucinedu@gmail.com

Resumo

A proposta de investigação inscrita neste artigo está situada no campo de estudos e práticas em Educação e Mídia. O trabalho que segue teve a finalidade de discorrer sobre a legitimidade da prática docente em um contexto profundamente atravessado pela mediação tecnológica digital da comunicação e maciço contato com informações.

Nesta argumentação, abordamos a questão do mito que cerca o fenômeno da cultura digital e como esse imaginário incide especialmente sobre os jovens, concebidos como os portadores privilegiados desse mito na contemporaneidade. Partimos do pressuposto de que os discursos em torno dos jovens também estão sendo compartilhados pelos professores e, por isso, influenciam a prática docente no que diz respeito as possibilidades de uso das tecnologias na escola.

Palavras-chave: professores, práticas docentes, cultura digital.

Abstract

The research proposal entered in this article is situated in the field of studies and practices in Education and Media. The work that follows was designed to discuss the legitimacy of teaching practice in a context deeply crossed by technological digital mediation of communication and massive contact with information.

In this argument, we address the question of the myth around the phenomenon of digital culture and how this imaginary focuses especially on the young people, conceived as the privileged carriers of this myth in contemporary times. We assume that the discourses around the young people are also being shared by teachers and, therefore, influence teaching practice regarding the possibilities of use of the technologies in school.

Key-words: teachers, teaching practices, digital culture.

Introdução

Vivemos um momento em que produção e veiculação rápida de informação, a partir das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) têm ocupado, expressivamente, um espaço importante no nosso processo de socialização. Em meio à forte presença da mídia na contemporaneidade, surgiram definições como sociedade da informação ou do conhecimento (Lévy, 1993), ou ainda, na tentativa de explicar as circunstâncias atuais das relações sociais, conceitos como cibercultura (idem, 1999) foram cunhados.

Dentre todos estes termos que tentam definir a época em curso, discutimos um pouco mais sobre a cultura digital, conceito no qual estão inseridos os sujeitos que se relacionam com as mídias interativas e aqueles que não são tão familiarizados com estas.

Partimos de algumas considerações teóricas em torno da cultura digital, seguindo para a problematização do mito que a acompanha. Neste ponto da discussão, abordamos a relação entre gerações no contexto das tecnologias digitais e suas implicações para o interior da escola, quanto à relação entre docentes e alunos, com especial enfoque para o lugar reservado à figura do professor ante ao fenômeno da cultura digital. Diante disto, o percurso de desenvolvimento desse trabalho foi sustentado pela seguinte hipótese: estariam os docentes, devido a um suposto “baixo uso” e/ou pouco conhecimento das mídias digitais, se “desautorizando” diante de um suposto alto uso e/ou conhecimento das tecnologias por parte dos estudantes?

À luz das condições atuais das práticas docentes, no que tange a legitimidade dessa atuação, realizamos entrevistas individuais de tipo testemunhal com um grupo de professores de nível médio da modalidade normal, atuantes em duas instituições do Estado do Rio de Janeiro. Articulamos os dados dessas entrevistas com algumas contribuições teóricas sobre as influências das tecnologias na atualidade, especialmente para o fazer pedagógico.

Cultura digital

Por cultura digital entendemos o que experimentamos hoje, em termos de distribuição e consumo de informação, construção do conhecimento, práticas, relações, trocas simbólicas, de modo facilitado e acelerado, a partir das e com as tecnologias de informação e comunicação. Acreditamos que a cultura digital tem como pano de fundo

o quadro organizador da cultura em geral, não se desvinculando dessa, mas, através das materialidades comunicativas que a compõe, pode promover certas alterações nos padrões de comportamento e nos sistemas de práticas, crenças e significantes. Por isso, é interessante pensarmos em culturas, sendo a cultura digital uma forma particular de cultura e, ao mesmo tempo, dado a incidência corrente desse fenômeno, cada vez mais onipresente. À cultura digital estão vinculados adultos, jovens e crianças. Mas, estes dois últimos grupos, devido à desenvoltura com que se envolvem com as tecnologias digitais, são concebidos como os sujeitos favorecidos desse contexto.

Para André Lemos (2008), com a chegada do século XXI, já não cabe mais exames unilaterais quanto a relação entre tecnologia e sociedade que fomentem determinismos de ordem social ou tecnológica. Diante do advento técnico científico que configura a cultura digital, é necessária uma mudança epistemológica para se tratar a questão. Sobretudo porque, a cultura digital não seria um estado atual da evolução de projetos anteriores, técnicos e tecnocientíficos. Para o autor, este fenômeno se caracteriza principalmente por uma nova e estreita relação com a sociedade.

Desde o século XIX, com o surgimento dos *media* de massa, um novo marco social e comunitário – qualificado por novas vinculações, a partir da ampliação de espaços de informação e comunicação a um nível planetário, por meio das “formas técnicas de alterar o espaço-tempo” (LEMOS, 2008, p. 68) - veio à tona. Estas mídias (telégrafo, rádio, telefone, cinema) já anunciavam a utopia de intervenção humana à distância. Entretanto, esta intervenção somente se efetivou plenamente com a composição do ciberespaço, onde ela assumiu dimensões inauditas.

Nesta ambiência de transformações, da passagem das mídias de massa as mais recentes tecnologias digitais e redes telemáticas (características de meados do século XX e período em andamento), surgiu o que o autor definiu como cibercultura. De acordo com Lemos, este advento extinguiu a homogeneidade do espaço e a linearidade do tempo, categorias caras à modernidade ocidental. Portanto, a cultura digital comporia uma espécie de desenho sociotécnico, onde os indivíduos interagem intensa e amplamente através dos meios digitais, propiciando a circulação de informações sob os mais diferentes aspectos e sustentando a formação dos agrupamentos sociais. Nesta esfera, os jovens seriam os mais beneficiados, uma vez que,

o ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e *home pages*, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema (IDEM, p. 87).

O mito vinculado à cultura digital

A cultura digital é um fenômeno que, sem dúvida alguma, trouxe alterações significativas para o modo como nos relacionamos e nos comunicamos. Apesar de reconhecermos as evidências e dimensões assumidas pelas tecnologias na sociedade atual, como argumentam Duarte, Barros e Migliora (2011), cabe refletirmos porque tem sido atribuída a cultura digital uma espécie de fetiche, como “algo que rompe radicalmente com o que lhe precedeu e que, por isso, prescinde da ação socializadora dos adultos e das instituições” (2011, p. 157).

Para este diálogo, trouxemos algumas considerações de Erick Felinto (2006) sobre o advento da cultura digital, priorizando a perspectiva defendida pelo autor acerca da existência de elementos de certos credos religiosos no imaginário tecnológico atual. Segundo Felinto, a cultura digital diz respeito ao domínio da experiência contemporânea onde o construto tecnológico passa a ser entendido, de forma reflexiva, como o elemento central característico das relações sociais, das dimensões racionais e sensíveis da vida, das sensações e julgamentos estéticos. Dito de outro modo, “mais que uma tecnocultura, a cibercultura representa um momento em que as tecnologias – especialmente as tecnologias de comunicação – se colocam como questão essencial para toda a sociedade e em todos os seus aspectos, dentro e fora da academia” (FELINTO, 2006, p. 99).

Para o autor, os discursos em torno do imaginário tecnológico em muito parecem fazer referência a noções arcaicas e religiosas. Por isso, sob o intento da problematização do mito que envolve a cultura digital, é fundamental a compreensão das especificidades desses discursos.

“Se a tecnocultura moderna foi o paraíso de Apolo, a cibercultura pós-moderna parece ser o teatro de Dioniso” (LEMOS, 2008, p. 18). No período moderno, a tecnologia compunha, por meio da lógica racional, o projeto de progresso das sociedades. Com a cultura digital, no tocante ao imaginário que a segue, tem ocorrido uma espécie de regresso aos ideais das imaginações míticas, nas quais mais do que as pretensões modernas de progresso, o sentido escatológico do homem seria a subversão plena da materialidade humana. Uma vez que “o irracional primitivo, aparentemente expulso da cultura pelo desejo de ciência da modernidade, retorna na forma de um fetichismo tecnológico” (FELINTO, 2006, p. 106), é interessante recorrermos a esses

credos para o entendimento e desmistificação da corrente tecnognóstica que cerca as tecnologias digitais.

Felinto aponta as noções de tecnognose ou tecnohermetismo como alternativas para o entendimento dessa espécie de religiosidade tecnológica. A Gnose e o Hermetismo (um dos seguimentos da gnose clássica) são religiões provenientes do Oriente durante o Império Romano, popularizadas nos primeiros séculos depois de Cristo. Nas duas orientações religiosas é significativo o desejo de imortalidade e transcendência.

No mito da cultura digital acredita-se que, com a digitalização dos meios de comunicação e informação, assistimos a uma espetacular evolução da humanidade, onde as promessas de origem gnóstica ou hermética estão se efetivando. Estas promessas, derivadas tanto das religiões gnósticas quanto do hermetismo, estão fundamentadas no ideal de superação total da condição humana.

A condição do mito da cultura digital tem implicações em outros espaços, considerando que as tecnologias digitais estão presentes, em maior ou menor grau, em todo lugar. Neste artigo, abordamos o ambiente escolar. Desta forma, acreditamos que outra marca forte do mito que acompanha a cultura digital alude a cisão entre gerações, na qual os mais velhos estão sendo desincumbidos da tarefa de condução dos jovens no mundo atual, uma vez que estes seriam os portadores privilegiados desse mito; os protagonistas dessa cultura; os que estariam mais próximos desse proclamado aperfeiçoamento digital. Assim, na instância educativa, esta situação vem se desdobrando na relação entre docentes e estudantes no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, no qual a legitimidade do professor pode estar sendo questionada, por conta da suposta especialização tecnológica dos jovens.

Sobre os professores na era tecnológica

Os discursos tendem a produzir uma clara distinção em relação ao envolvimento com as mídias digitais, colocando de um lado os jovens, sujeitos da denominada *geração pós-internet* (LARA e QUARTIERO, 2011) e, de outro, os nascidos antes da ampla difusão das TIC, grupo onde se encontra hoje a maior parte dos docentes.

Além da suposta diferença na relação com os meios tecnológicos entre professores e alunos, há que se reconhecer a grande distância entre o uso social e o uso escolar das mídias (IDEM, 2011). Tanto os jovens quanto os docentes convivem e

utilizam “as tecnologias digitais disponíveis em diversos contextos de seu cotidiano, mas não da mesma maneira em seu dia-a-dia na escola” (IBIDEM, p. 2).

Nesta realidade, segundo Orozco Gómez (2004), a escola perderia a centralidade na formação dos sujeitos, no interior da cultura audiovisual e devido à convivência com as mais recentes mídias digitais. E, ainda, segundo essa tendência, a proliferação dessas tecnologias também contribuiria “para acelerar a crise de identidade dos professores” (ALONSO, 2008, p. 754).

Diante disto, é fundamental compreendermos como os docentes vêm se relacionando com as mídias com as quais os estudantes têm tanta intimidade. Será que estes profissionais estão de fato tão distantes das tecnologias digitais? E, no caso de certa afinidade com as TIC, em que medida essa condição se reflete na prática docente?

Para situar o debate sobre trabalho pedagógico e tecnologias digitais, é interessante provermos oportunidades em que o professor fale sobre a situação corrente de sua prática e das próprias expectativas de mudanças. Uma vez que, “o caso das TIC traz à tona a discussão sobre o papel profissional dos professores nos processos de ensino/aprendizagem” (IDEM, p. 755), a relevância da função docente na era tecnológica precisa ser afirmada e, nada melhor do que o próprio professor, contribuindo com sua fala, para nos auxiliar a pensar sobre a identidade e legitimidade da profissão docente em tempos de cultura digital.

Para a elaboração desta argumentação, recorreremos a um referencial metodológico por meio do qual discutiremos algumas questões norteadoras, quais sejam: como o professor tem percebido a relação que seus alunos têm com as mídias interativas? Qual a relação que os próprios docentes estão estabelecendo com as tecnologias? Tendo em vista os usos que estudantes e professores fazem das tecnologias na seara social mais geral e no contexto escolar em específico, qual seria o lugar reservado a prática pedagógica hoje?

A metodologia escolhida para esse debate consiste na realização de entrevistas semi-estruturadas. Decidimos trabalhar com entrevistas individuais de tipo testemunhal, pois são os depoimentos dos docentes, as possíveis representações reveladas a partir do ponto de vista deles, que nos interessam. Cremos que essa estratégia metodológica permite compreender práticas, escolhas, posturas e crenças dos entrevistados, o que pode ser mais viável para o entendimento das perspectivas dos professores em tempos de cultura digital.

A construção da amostra desse estudo foi de cunho intencional, quando se

evidencia a relevância dos casos escolhidos para a problemática em questão. Segundo Fragoso et al.(2011),

as amostragens qualitativas buscam selecionar os elementos mais significativos para o problema de pesquisa. Assim, ao contrário das amostras quantitativas, tipicamente probabilísticas, as amostras qualitativas são, portanto, tipicamente intencionais (p. 68).

Neste sentido, visto que interessa-nos a percepção de professores sobre os jovens usuários de tecnologias e como isto interfere no exercício pedagógico, escolhemos entrevistar alguns docentes de cursos normais de nível médio de duas instituições do Estado do Rio de Janeiro. Considerando que estes professores estão em contato sistemático com alunos da geração pós-internet sendo preparados para a atuação docente, eles estariam num contexto favorecido para a discussão que pretendemos realizar sobre as tecnologias e trabalho pedagógico.

Contudo, com base no sistema de rede no qual as entrevistas foram realizadas, acreditamos ser possível observar aspectos variados do objeto sob análise. De acordo com Becker, na pesquisa social, é importante considerar “como as partes de um todo complexo revelam sua ordenação global.” (BECKER, p. 100, 2007). Desta forma, os testemunhos dos docentes inseridos na lógica da rede podem indicar pistas para pensar os significados comuns na organização mais geral dos professores frente à questão das tecnologias.

Sem a pretensão de generalizações, mas entendendo que a cultura digital é um fenômeno de dimensões quase ubíquas, os relatos dos docentes sujeitos dessa pesquisa poderão contribuir para a reflexão acerca do exercício pedagógico em uma sociedade marcada pelo avanço rápido das tecnologias de informação e comunicação.

Acreditamos que, o enfoque dado às considerações do professor sobre suas práticas permitirá captar mais de perto as impressões que norteiam o trabalho docente. Antes de políticas serem implementadas e programas de formação serem reformulados para atender as demandas do tempo, são os professores, no âmbito da sala de aula na tessitura do trabalho diário, que melhor podem perceber as possibilidades e dificuldades para a atividade docente em meio ao advento das tecnologias digitais.

Algumas considerações em torno das entrevistas – o que os professores falam sobre si e sobre os jovens no contexto da cultura digital

O perfil do grupo de docentes entrevistados compõe uma coorte etária de 27 anos a 58 anos, sendo oito mulheres e sete homens. A maioria desses profissionais leciona em escolas públicas normais de nível médio (no Estado do Rio de Janeiro), com exceção de um professor atuante em escola particular no segundo segmento do ensino fundamental.

A formulação do roteiro de entrevistas, bem como, a realização destas foi acompanhada pela hipótese de que os docentes apresentariam “baixo uso” e/ou pouco conhecimento das tecnologias e, portanto, sentir-se-iam desautorizados frente ao alto uso e/ou conhecimento desses aparatos revelado pelos estudantes.

Sob o intento de conhecer um pouco mais sobre os professores e de tornar as entrevistas mais fluidas, nossos primeiros questionamentos giraram em torno da formação para a profissão, que compreendiam o tempo de ingresso em sala de aula ou aspectos dos primeiros anos de atuação. Uma dessas perguntas de aproximação - você teve alguma preparação para práticas pedagógicas que envolvessem tecnologias? - acabou se mostrando importante para pensar a formação docente em nível inicial, no que diz respeito a uma das questões centrais desse artigo: os usos que os professores fazem das tecnologias na escola. Todos os docentes investigados declararam não ter tido qualquer preparação, ao longo dos cursos de licenciatura, para o desenvolvimento de atividades em sala de aula que incluíssem as tecnologias. Este dado é preocupante quando consideramos que, mesmo os professores mais jovens com até dois anos de atuação e, portanto, menos de cinco anos de formação acadêmica, não encontraram, nos currículos de seus cursos, respaldo para inserirem as TIC em suas práticas.

Diante disto, quando nos questionamos sobre os usos que docentes e alunos fazem das tecnologias na esfera social e nas instituições escolares, não é difícil constatar considerável distância entre esses dois âmbitos e uma das gêneses desse problema pode estar nos currículos de formação inicial, ainda incipientes no quesito tecnologias.

Quanto à relação que os próprios professores estão estabelecendo com as mídias, no que tange ao uso e frequência desse uso, tenderíamos a crer que estes profissionais ainda apresentam baixa utilização das tecnologias. Entretanto, a partir das entrevistas realizadas, pode-se perceber que os docentes estão cada vez mais próximos das tecnologias de informação e comunicação. Ao citar as tecnologias presentes no cotidiano, de forma mais intensa, os entrevistados pontuaram majoritariamente

computador conectado a internet. Citando as tecnologias as quais recorre, uma professora de espanhol com 34 anos disse:

- Tem o computador e acesso a internet. Quando não tem... já é assim uhn:: -- ah::: a internet não tá boa ((colocou a mão no rosto como um gesto de desespero))... cai toda hora ((risos)) -- É o acesso ao computador e a internet, com certeza ((risos)). Eu já nem vejo mais TV... não vejo mais TV. Agora é só o computador¹.

Outra docente de Língua Portuguesa com 37 anos falou:

- Não tô te falando... até pra ver o telefone da farmácia... se o negócio não tá a mão... o meu computador, ele tá mais a mão. Se o ímã de geladeira não tem a farmácia que eu quero lá:: eu vou no computador, porque tá mais a mão. Melhor do que ficar olhando catálogo... é mais rápido o computador... mais fácil... facilita a vida.

Quanto à frequência de uso, a idade se revelou um dos fatores mais interessantes, pois promoveu um corte nítido entre o grupo investigado. Os professores de até 41 anos se revelaram mais propensos a um uso mais frequente das tecnologias, apresentado frequência de até cinco horas diárias de uso da internet. Acima dessa faixa etária, o uso tendeu a ser menos recorrente. Entretanto, todos eles fazem uso considerável da rede.

Por um lado, esse fator pode ser animador para pensarmos numa possível mudança de postura em relação às tecnologias, conforme o quadro docente das escolas vai se renovando, agregando professores mais jovens e mais afetos aos aparatos digitais. Por outro lado, como vimos acima, mesmo os docentes mais jovens, egressos de cursos mais recentes de licenciatura, declararam não terem sido preparados para inserirem as TIC em sala de aula. Diante disto, o fator da idade pouco tem contribuído para a inserção das tecnologias na escola. Por mais que os professores mais jovens tendam a serem usuários mais intensos das tecnologias, continua havendo uma significativa ruptura entre o uso social e o uso escolar das TIC apresentado por estes profissionais. Ou seja, não é espontânea a passagem do uso social para o uso escolar destes aparatos. Para que as tecnologias adentrem a escola, é necessária uma intervenção planejada e sistemática nesse sentido.

Portanto, numa tentativa de entender os usos que estes docentes veem fazendo das TIC na sala de aula, mediante a intensa utilização das mídias que demonstraram ter no cotidiano, questionamos quais dessas tecnologias estavam presentes no local de

¹ A transcrição de alguns trechos das entrevistas, apresentados neste artigo, seguiu uma formatação sugerida por Koch (1995). A referência bibliográfica completa segue ao final desse trabalho.

trabalho. A maioria dos professores não insere as TIC em seus exercícios diários em sala ou as inclui muito raramente. A fala que segue é reveladora de um dos principais problemas indutores de entraves às tecnologias – a falta de infraestrutura oferecida pelas escolas:

- Não. Não o tanto::: não o tanto que eu gostaria. Não. Até porque é muito difícil. Dentro da escola é difícil. A internet é lentíssima. Agora a gente não tem uma pessoa responsável pelo laboratório de informática, então a gente não pode usar. O uso na escola pública é bastante difícil.

Quanto à percepção que os docentes têm da relação dos estudantes com as mídias, esse eixo do quadro de entrevistas se mostrou frutífero para a abordagem do mito que envolve a cultura digital, cujo imaginário traz os jovens como protagonistas. Pressupúnhamos que esses discursos, reveladores de uma espécie de credo tecnológico, na perspectiva de uma natureza mítica, também eram partilhados pelos professores. Nas entrevistas, podemos perceber que, mesmo os docentes mais jovens se referiram aos seus alunos como usuários mais especializados em comparação a eles. Neste quesito, uma das falas mais significativas foi a de um professor de Sociologia, pois, com apenas 27 anos, já revelou sentir distância entre o uso que faz das TIC e o uso apresentado pelos estudantes:

- Ah:: talvez, alguma diferença sim... eles ((os alunos))... já sabem mexer em qualquer equipamento, em qualquer aplicativo... em qualquer coisa nova que surja... mesmo que:: não assim... de uma forma:: consciente, eu diria ((risos))... não consciente, mas de:: de uma forma mais precisa do que aquele aplicativo pode oferecer de melhor... mas, eles mexem em tudo... eu tento mexer em tudo, mas nem sempre consigo, né? então... eles já:: talvez... eles já estejam até um passo a frente, mas...

É interessante entender o que significa esse “estar à frente”. Esta afirmação parece indicar uma referência à suposta alta especialização dos jovens em relação às tecnologias, no sentido de uma habilidade tecnológica. Entretanto, nas entrevistas, os docentes reconheceram que esta condição não significa, necessariamente, aumento na aprendizagem, a partir do desenvolvimento de habilidades educacionais. Desta forma, quando questionado se reconhecia distinção no modo como se relaciona com as tecnologias em referência aos alunos, esse mesmo professor nos revelou:

- mais nos momentos em que eu vou pesquisar alguma coisa, talvez pra falar em sala... qualquer fim de trabalho, de pesquisa... não sei, pra escrever alguma coisa, não sei... eu procuro:: né? não só ver com olhar crítico, mas ver quem é autor daquilo, se é algum debate, alguma ideia, né? Se é só alguém que escreveu ali:: a procedência do site, por exemplo, de pesquisa que eu cheguei... e com eles ((os alunos)) éh:: há menos isso... não dá pra

dizer que todo mundo simplesmente pega uma informação eh:: não busca saber a veracidade dela mas... eles tem menos critério ainda... eles estão aprendendo nisso, enfim, eles estão numa fase de formação de... construção desse olhar. Eu considero até natural... ter esse lado:: não é ingênuo, mas é que eles não... não tem essa... essa cultura de investigar... de buscar saber eh... a fonte, né?

A percepção que os entrevistados têm do uso dos estudantes parece estar organizada em duas vertentes. Se, por um lado, os alunos são concebidos como tendo uma forte *expertise* tecnológica, por outro, não são avaliados positivamente quando a questão são os benefícios que as tecnologias podem proporcionar, como aquisição de informações ou saber pesquisar, construtos para a qualificação da aprendizagem. Na visão dos docentes, os estudantes pouco aproveitam os recursos tecnológicos para fins de conhecimento, no desenvolvimento de habilidades de cunho educacional.

Como podemos perceber, questões estruturais foram apontadas pelos entrevistados para um uso ignóbil das TIC em sala de aula, desde a ausência de apoio nos cursos de formação inicial até as precárias condições das escolas nas quais atuam. Entretanto, de acordo com nosso pressuposto inicial, de que os discursos acerca dos jovens ao serem assumidos também pelos professores, influenciam a prática docente no que diz respeito as possibilidades de uso das tecnologias na escola, um fator a ser considerado é a percepção que estes professores tem dos seus alunos. Nas falas dos entrevistados, muito se revelou dessa concepção de que os jovens seriam sujeitos beneficiados na questão das TIC, o que também pode estar incidindo sobre o baixo uso das tecnologias na sala de aula pelos docentes.

Outra pesquisa sobre a utilização de tecnologias pelos professores na realidade brasileira também reforçou esse dado em torno da percepção sobre os jovens usuários de tecnologias. O estudo, de abrangência nacional, denominado “O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras – TIC Educação 2010”, foi realizado pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação no âmbito do Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Nesta investigação, a coleta de dados cobriu uma amostra de 500 instituições escolares públicas de zonas urbanas em todo o território nacional, incluindo escolas estaduais e federais que ofereciam Ensino Fundamental (I e II) e Ensino Médio. Foram entrevistados 1.541 docentes, 4.987 estudantes, 497 diretores e 428 coordenadores pedagógicos.

No relatório do CGI.br, os professores revelaram que, uma das principais dificuldades para o uso mais intenso das tecnologias na instância escolar se deve ao grau

inferior de expertise tecnológica em comparação ao nível apresentado pelos jovens. A maioria dos professores (64%) “concordou totalmente que os alunos da escola sabem mais sobre computador e Internet do que o docente” (2010, p. 129). Esta perspectiva foi defendida inclusive pelos professores mais jovens. Neste viés, a cada quatro docentes, pelo menos um se sentiu desautorizado a lançar mão das tecnologias na escola, por acreditarem não conhecê-las o bastante para esta iniciativa.

Por fim, questionamos os professores quanto às mudanças no lugar reservado à prática docente, no que concerne a legitimidade da figura do professor, em um contexto de cultura digital, marcado pela mediação tecnológica digital da comunicação e maciço contato com informações. Destacamos alguns depoimentos que evidenciam a percepção dessa mudança, um certo mal-estar e a necessidade de maior debate sobre o tema.

- A primeira coisa que vem na cabeça é como... a dificuldade de como fazer o aluno que tá dentro dessa cultura digital prestar atenção em algo que não é digital... não sei como chama isso... é analógico também... mas algo que é... como é que você vai fazer um aluno que, mexe com o computador doze horas por dia, olhar pro quadro, né?

- Eu acho que:: a função docente sofreria uma mudança com ou sem computador... não sei... acho que o mundo mudou:: acho que a internet é um... ah:: a questão digital da comunicação pela internet, ela evoluiu muito. Mas, eu não sei se essa questão dos valores... ela::... ela é tão:: essa questão dos valores, eu acho que ela é reflexo também de quem produz, porque alguém produz isso tudo aí. E no trabalho docente:: eu acho que o nosso trabalho:: hoje não é encarado da mesma forma que:: sei lá... dez anos atrás. Mas, a escola também mudou... melhorou em alguns aspectos... éh::... em outros, ela:: ela:: ela não conseguiu avançar como avançou... hoje, no Brasil, você tem praticamente todas as crianças na escola... uma realidade que alguns anos atrás não existia.

- Eu acho que na atual conjuntura tudo impacta negativamente na relação professor e estudante, porque:: o professor, de novo, o professor... se ele não usa isso ((referindo-se às tecnologias)) como uma ferramenta... ele entulha... como a gente é obrigado a saber um monte de entulho que não funciona... o problema é clássico... o professor tem que fazer o quê? Uma preparação pré::via... uma coisa é o tempo re::al... você não precisa de preparação... você domina o assunto, você vem e fala... outra coisa é você fazer uma aula prática... você não tem tempo... você não tem como fazer aquilo... então como a aula vai dá certo? Vai dá errado.

A partir das duas pesquisas aqui consideradas, tanto a de dimensão nacional, quanto mais especificamente as entrevistas realizadas com um conjunto de docentes do Estado do Rio de Janeiro, pode-se concluir que, se por um lado, a escola e os professores têm sido cobrados para acompanhar o advento das tecnologias, devendo usufruir dessas em prol da educação; por outro, cabe promover toda a estrutura necessária ao docente, em termos de formação inicial e continuada. Afinal, “não se pode esperar que o professor, sozinho, promova possíveis mudanças no paradigma da

educação” (2010, p.132), incorporando, por meio do fazer pedagógico, a escola na cultura digital, sem respaldos para tanto.

Considerações finais

Quando se reconhece a importância de compreender o advento da cultura digital pelo ponto de vista do docente, o domínio dos saberes e práticas pedagógicas pode ser um grande aliado. Segundo Pimenta (1999), a partir dos estudos sobre as práticas escolares, é possível adentrar nas discussões sobre a composição da identidade docente através do reconhecimento de saberes oriundos do exercício cotidiano, nos quais as tradições são revistas e o lugar profissional do professor é afirmado.

Essa perspectiva defendida por Pimenta é de essencial valia para se consolidar a relevância da função docente na era tecnológica. Talvez, na atual conjuntura, este possa ser um caminho para a redefinição da identidade do professor, bem como, de sua legitimidade.

Voltando a nossa hipótese inicial – a de que os docentes apresentariam pouco conhecimento das tecnologias e, por isso, estariam desautorizados diante da intensa utilização desses aparatos por parte dos alunos – a partir das entrevistas realizadas, a primeira afirmação foi refutada. Em seus relatos, os professores declararam estar próximos das tecnologias de informação e comunicação, embora ainda persista a distância entre o uso social e o uso escolar das TIC. Em contrapartida, a segunda premissa (a da desautorização) precisa ser melhor investigada. Por hora, podemos afirmar, por meio das próprias falas dos entrevistados que, eles acreditam que os estudantes apresentam maior *expertise* quanto ao uso das TIC, como também constatou a pesquisa “O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras – TIC Educação 2010”, desenvolvida pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação no âmbito do Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Contudo, os discursos que alimentam o imaginário tecnológico pouco contribuem para o debate acerca da real importância das tecnologias para a educação. Acreditamos ser mais apropriado avaliar o que as tecnologias, tão presentes nas defesas sobre os imperativos de transformação da escola e da prática docente podem, de fato, fazer pelo processo de ensino e aprendizagem. Diante da realidade em que alunos e,

cada vez mais, professores estão familiarizados com os recursos digitais, o que isto significa para o trabalho pedagógico e, portanto, para a aprendizagem?

Mesmo que os estudantes tendam a uma maior proximidade das mídias digitais, não se pode desconsiderar a relação cada vez mais intensa que os docentes estão adquirindo com estas. Entretanto, tal uso não necessariamente se reflete nas práticas pedagógicas. Contudo, ainda é flagrante a distância entre o uso social e o uso escolar das tecnologias, onde os professores continuam apresentando dificuldades para agregar estes recursos às práticas escolares, segundo seus próprios relatos. Em contrapartida, por mais que o mito que acompanha a cultura digital, principalmente no que se refere aos jovens, contribua para o docente se sentir desautorizado em inserir as mídias em suas práticas, este profissional continua sendo o mais qualificado para mediar a relação entre os jovens e as tecnologias em prol do conhecimento. A nosso ver, é ele a figura mais adequada para, no contato sistemático com o aluno, orientá-lo na travessia da familiaridade com que este se relaciona com as mídias à qualificação da aprendizagem.

Referências

ALONSO, Katia Morosov. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre rede e escolas. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 29, n. 104 – Especial, p. 747-768, out. 2008.

BARBOSA, Alexandre F. (coordenação executiva e editorial). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2010**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2011.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DUARTE, Rosalia; BARROS, J. F.; MIGLIORA, R. Sentidos da cultura digital para a educação. In: **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões/** Helena Amaral da Fontoura (org.). Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro3.pdf>

FELINTO, Erick. **Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as --- materialidades da comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 1 ed.

_____. **A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa**

para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. De la enseñanza al aprendizaje: desordenamientos educativo-comunicativos en los tiempos, escenarios y procesos de conocimiento. **Nómadas.** Universidad Central – Colombia. N. 21. Octubre, 2004. p. 120-127

KOCH, Ingedore Villaça. *Linguagem e interação face a face.* In: **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Editora Contexto, 1995. Pág.: 66-110.

LARA, Rafael da Cunha; QUARTIERO, Elisa Maria. Impressões digitais e capital tecnológico: o lugar das TIC na formação inicial de professores. In: **Anais do V Simpósio Nacional da ABCiber,** 2011 – UDESC/UFSC – Florianópolis. 1 edição.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 4. Edição, 2008.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

PIMENTA, S.G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 1999.